OS ESTUDOS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A VELHICE EM CONTEXTOS EDUCACIONAIS

Igor Moura Danieleviz e Silva¹
Josiane Peres Gonçalves²

resumo

Este artigo apresenta um mapeamento de teses e dissertações que tiveram como objeto central de suas análises o processo de envelhecimento ou velhice, em contextos educacionais ou relacionados com a área da Educação. Os dados foram obtidos do Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O texto segue organizado em duas seções. Uma primeira, na qual são apresentadas as produções que ilustram os contextos iniciais em que a velhice é qualitativamente investigada nas Ciências Sociais e na Psicologia Social (com especial ênfase nas Representações Sociais). Por fim, o levantamento das

1 Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: igormourajornal@gmail.com.

2 Graduada em Pedagogia. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUORS). Professora do Programa de Pós-graduação em Educação (mestrado e doutorado) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (FAED/UFMS). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE). E-mail: josiane.peres@ufms.br.

teses e dissertações conforme as unidades temáticas elencadas e as considerações sobre o percurso das análises. A partir do material inventariado, foi possível perceber maneiras distintas de empreender o olhar sobre a velhice, especialmente em relação ao emprego da teoria e instrumentos metodológicos.

palavras-chave

Representações Sociais. Velhice. Educação.

1 Introdução

O inventariado de produções acadêmicas sobre um determinado objeto de investigação constitui-se em uma das etapas fundamentais para a atividade científica. O estado do conhecimento pode ser considerado um dos ritos de iniciação, antecede a ida ao campo e está diretamente relacionado com a postura questionadora do investigador. “É essencial que essa postura esteja presente não apenas na identificação do tema e nos recortes do objeto de estudo, mas em todo o processo de desenvolvimento da pesquisa” (PEREIRA, 2013, p. 222). Marcus Vinícius Medeiros Pereira (2013) postula que, “baseado na compreensão do estado do conhecimento produzido sobre o assunto em pauta é que o pesquisador poderá identificar lacunas, aspectos ainda por explorar ou modos diferentes de abordá-lo” (PEREIRA, 2013, p. 222). Para autores como Lorenzetti, Muenchen e Slongo (2017), esse tipo de levantamento permite realizar verificações críticas sobre a produção científica, de modo a identificar as pesquisas relevantes de uma determinada área, contribuindo para o desenvolvimento de novas investigações. Além disso, por meio da revisão bibliográfica, é possível constatar o foco das pesquisas, a metodologia utilizada, as conclusões e os resultados obtidos a partir das análises dos dados, traçando um panorama elucidativo sobre o campo a ser pesquisado.

Partindo dessas conceituações, este artigo apresenta um mapeamento de trabalhos no campo das Representações Sociais que tiveram como objeto central de suas análises o processo de envelhecimento ou velhice, em contextos educacionais ou relacionados com a área da Educação. Os dados foram coletados no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Dois artigos foram acrescidos ao levantamento em questão. Tais manuscritos são de autoria das pesquisadoras Neusa Eiras e Maria de Fátima de Souza Santos, respectivamente. De acordo

com Celso Pereira de Sá (2009), elas foram as primeiras a apresentar pesquisas de representações sociais sobre o processo de envelhecimento no Brasil e são referenciadas neste artigo para contextualizar o momento em que uma acepção mais social de velhice passou a fazer parte do campo psicossocial.

O estudo, apresentado neste artigo, utiliza da revisão bibliográfica, a partir dos dois textos supracitados e das teses e das dissertações encontradas para apresentar uma reflexão sobre como o fenômeno do envelhecimento vem sendo representado socialmente em pesquisas científicas, com destaque, para aquelas desenvolvidas em contexto de ensino e aprendizagem. Averiguar como a velhice vem sendo abordada nessas investigações contribui para identificar os sentidos que influenciam as práticas educativas em atividades destinadas ao público idoso, uma vez que, frequentemente surgem mais iniciativas com a finalidade de integrar as pessoas envelhecidas em nosso meio social. Assim sendo, o texto segue organizado em duas seções. Uma primeira, na qual são apresentadas as pesquisas que ilustram os contextos iniciais em que a velhice é qualitativamente investigada nas Ciências Sociais e na Psicologia Social (com especial ênfase nas Representações Sociais). Por fim, o levantamento das teses e dissertações conforme as unidades temáticas elencadas e as considerações sobre o percurso das análises.

2 A velhice como objetivo de investigação

As pesquisas sobre a velhice sob o domínio das Ciências Humanas tiveram mais notoriedade a partir da década de 90, quando as discussões sobre o papel social da pessoa idosa passaram a ter mais relevância em diversos contextos culturais. Júlio Assis Simões (1994) afirma que, durante esse período, o tema aposentadoria ganhou destaque nacional, depois que aposentados de todo o país manifestaram contra o arrocho de benefícios pagos pela Previdência Social durante o início da década de 90. Este acontecimento trouxe à tona a dimensão política da Previdência Social e a condição do processo de envelhecimento na sociedade brasileira. Essas mobilizações, de acordo com o autor, ajudaram a reconstruir a imagem dos aposentados. Sendo assim, as pessoas idosas tornaram-se uma “espécie de corporação, com interesses, demandas e formas de organização próprias” (SIMÕES, 1994, p. 1). Ainda nos termos dele, muitas ciências, como a Gerontologia, estão essencialmente empenhadas em desconstruir as concepções de periodização da vida reconhecidas como etapas específicas “de desenvolvimento, estabilidade e declínio” (SIMÕES, 2011, p. 121), substituindo a imagem da velhice por um novo estilo de vida, “ativo

e agradável” e com novas formas de consumo. Os atributos que marcam a juventude em nossa sociedade são transpostos à maturidade, vista agora como uma etapa de reinvenção pessoal.

É também a partir da década de 90 que os problemas sociais, em relação ao idoso, convivem com os programas da terceira idade. A ideia de velhice passa a ser expressa por pessoas com mais de 60 anos, “ativas”, que frequentam centros de convivência, bailes e programas de lazer. A perspectiva sobre esta fase da vida não é mais marcada apenas pelo avanço da idade, mas por comportamentos que sugerem a “manutenção corporal, comidas saudáveis, ginásticas, medicamentos e outras formas” de convívio (DEBERT, 1999, p. 1):

Enfatizando que a idade não é um marcador pertinente de comportamentos e estilos de vida, essas manifestações tratam de divulgar uma série de receitas como técnicas de manutenção corporal, comidas saudáveis, ginásticas, medicamentos, bailes, universidades e outras formas de lazer que procuram mostrar como os que não se sentem velhos devem se comportar, apesar da idade (DEBERT, 1997, p. 1).

Essa forma de institucionalização crescente do curso da vida teria envolvido praticamente todas as dimensões do mundo familiar e do trabalho, e está presente na organização do sistema produtivo, nas instituições educativas, no mercado de consumo e nas políticas públicas que, cada vez mais, têm como alvo grupos etários específicos (DEBERT, 1997). É visto que, em programas para a terceira idade, por exemplo, o valor atribuído à juventude faz com que os/as participantes adotem novos estilos de vida adequados ao modelo difundido pela instituição e, conseqüentemente, passam a ter novas formas de consumo e de comportamento.

Nesta direção, nossas relações sociais estão pautadas por um princípio geracional. O contato entre o jovem e o velho é um discurso recente, fruto das transformações da modernidade. O termo “terceira idade” surge para substituir a velhice, que assume novas designações: “nova juventude”, “idade do lazer.” (DEBERT, 2010). Há uma nova consciência sobre os idosos, especialmente pelo aumento do número de aposentados. As pessoas aposentadas passam a frequentar outros grupos e a consumir outros serviços e produtos (pacote de férias, clubes, etc.). Essa nova imagem do envelhecimento permite desconstruir estereótipos em relação a este grupo. Como assevera Debert (2010), é:

[...] um quadro mais positivo do envelhecimento, que passa ser concebido como uma experiência heterogênea em que a doença física e o declínio mental, considerados fenômenos normais nesse estágio da vida, são redefinidos como condições gerais que afetam as pessoas em qualquer fase (DEBERT, 2010, p. 57).

Os discursos difundidos amplamente pela mídia e em novos espaços de sociabilidade para pessoas mais velhas estão empenhados, de certa forma, em modificar as imagens culturais tradicionais associadas a homens e mulheres de mais idade, apresentando a questão etária como forma de organizar as pessoas em nossa sociedade. Com base nesse princípio organizacional e por causa do significativo aumento da população idosa, muitas iniciativas surgiram para dar conta de uma realidade mais envelhecida. Na medida em que as pessoas vivem mais, crescem as demandas com a previdência social, a saúde pública e em outros setores da sociedade que visam atender as pessoas idosas. Uma dessas iniciativas foi a Carta de Princípios para Pessoas Idosas, lançada pelas Nações Unidas em 1991. O texto está pautado pelos princípios de independência, participação, assistência, autorrealização e dignidade, e serve de base para as ações destinadas a “uma nova concepção do processo de envelhecimento que vem sendo incorporada socialmente” (BRASIL, 2015).

A senescência não é mais vista como uma etapa de repouso, mas sim de reinvenção e ação. Surgem os conceitos da terceira idade ou envelhecimento ativo. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2005), uma vida mais longa deve ser acompanhada de oportunidades contínuas de saúde, participação e segurança. Para a entidade, o envelhecimento ativo consiste na otimização das oportunidades anteriormente citadas, com a finalidade de melhorar a qualidade de vida, de modo que a pessoa idosa ainda consiga ter autonomia para participar “nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais, civis, e não somente a capacidade de estar fisicamente ativo ou fazer parte da força de trabalho” (OMS, 2005, p. 13). A OMS (2005) também preconiza que as políticas de envelhecimento ativo devem reconhecer “a necessidade de incentivar e equilibrar a responsabilidade pessoal (cuidado consigo mesmo), ambientes amistosos para os mais velhos e solidariedade entre gerações” (OMS, 2005, p. 19).

Na visão de Myriam Lins de Barros (2011), essas práticas e conjunto de ideias de responsabilização do indivíduo pelo próprio cuidado e bem-estar, “se opõem ao estigma da velhice que é percebida como fim da vida, como doença ou como solidão. Esses dois modelos de envelhecimento coexistem hoje na sociedade como formas incorporadas nas trajetórias de vida e como referências para ação” (LINS DE BARROS, 2011, p. 50). No campo da Educação, Giovana Duarte Eltz *et al.* (2014) apresentam um panorama dos programas que tem como foco a inserção da pessoa idosa. Segundo as autoras, “no Brasil, a partir da década de 1990, ocorreu a multiplicação dos programas voltados a adultos maduros e idosos nas universidades brasileiras. Entre 1990 e 1999, esses programas cresceram de seis para cerca de cento e quarenta” (ELTZ *et al.*, 2014, p. 84). Os programas voltados para a “terceira idade” recebem nomes

diferentes nas instituições de Ensino Superior. Eltz *et al.* (2014) constataram que a nomenclatura mais comumente utilizada por nove das 51 instituições pesquisadas é Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI). As características dos programas mudam de acordo com a realidade de cada universidade, mediante a data de criação, número de vagas, atividades ofertadas e a quantidade de participantes. As autoras explicam que existem objetivos comuns, como: “contribuir para uma melhor qualidade de vida dos idosos, oferecendo orientação, cursos de capacitação e oportunidade de lazer e entretenimento” (ELTZ *et al.*, 2014, p. 87). Além disso, as ações desenvolvidas devem promover a integração das pessoas mais velhas com a comunidade acadêmica e a sociedade em geral.

Já no campo da Psicologia Social, duas pesquisadoras, a professora Neusa Eiras e a professora Maria de Fátima de Souza Santos são tidas como referência em estudos sobre o envelhecimento a partir do referencial das Representações Sociais, e que foram publicados em periódicos acadêmicos. De acordo com Celso Pereira de Sá (1998), é visível como o paradigma das representações sociais tem despertado crescente interesse e vem sendo consistentemente explorado por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Ao apresentar um panorama geral da produção empírica da teoria, este autor define o desenvolvimento humano com uma área temática recorrente, com objetivo de identificar as representações em diferentes níveis etários, tanto na infância como na maturidade. Portanto, a velhice aparece como “um alvo frequente de exclusão social” e que “tem despertado um interesse crescente” (SÁ, 1998, p. 39). Neusa Eiras pesquisou as representações da velhice para dois grupos específicos: os profissionais de saúde que atendem pessoas de mais idade e idosos pacientes atendidos por esses profissionais. O objetivo foi investigar se existiam semelhanças nas construções representacionais dos sujeitos pesquisados em relação a esta fase da vida.

A pesquisa resultou em publicações, uma delas, intitulada *Representações sociais da velhice em instituições públicas de saúde*, disponível desde 2002, em uma edição temática da revista científica Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A autora inicia o texto explicando a necessidade de se trabalhar sobre um padrão brasileiro da representação da velhice, condizente com a nossa realidade social. Ela parte da hipótese que “as representações sociais da velhice elaboradas pelos dois grupos são diferentes, sendo que os profissionais idealizam a velhice e a representam positivamente e os idosos tem uma representação social da velhice que destaca seus aspectos negativos” (EIRAS, 2002, p. 118). Em seguida, fornece informações sobre seu referencial teórico-metodológico. Cabe destacar que a pesquisa da professora Neusa Eiras

está ancorada nas ideias iniciais de Serge Moscovici, por outro lado, o estudo se desenvolveu com base na abordagem estrutural de Jean-Claude Abric. Celso Pereira de Sá (1998) pontua que a perspectiva estrutural da teoria surge com o propósito de comparar as representações de dois grupos diferentes ou de um mesmo grupo em ocasiões distintas.

Segundo Luci Mara Bertoni e Ana Lúcia Galinkin (2017), Jean-Claude Abric e seus colaboradores desenvolveram a “Teoria do Núcleo Central” para entender a estrutura de uma representação partindo da definição de que as representações são organizações significantes e não somente um “reflexo da realidade”. Na abordagem estrutural, as representações funcionam como um sistema de codificação da realidade, pois é por meio delas que se determina um conjunto de antecipações e expectativas. Ainda conforme as autoras, na abordagem estrutural, a representação é constituída de um aglomerado de informações, crenças, opiniões e atitudes a propósito de um dado objeto social, além de estar organizada em torno de um núcleo central que é seu elemento fundamental e que determina sua significação.

Essa concepção orienta a escolha dos instrumentos metodológicos no estudo de Neusa Eiras, por meio da identificação do núcleo central, sendo possível comparar duas ou mais representações, já que elas devem ser organizadas em torno de núcleos centrais igualmente distintos. Na coleta de dados, foi utilizado o método de associação livre, “que consiste em se solicitar aos sujeitos da pesquisa que, a partir de uma palavra indutora, declare todas as palavras, expressões ou adjetivos que lhes venham à mente, sem qualquer censura prévia” (EIRAS, 2002, p. 119). Durante a análise dos dados, foi utilizada a técnica de Pierre Verges, que combina as palavras ou expressões evocadas, com a frequência de sua emissão: “A combinação desses dois critérios constitui um indicador da centralidade de cada elemento e possibilita o levantamento daqueles que mais provavelmente pertencem ao núcleo central da representação” (EIRAS, 2002, p. 119). O grupo dos sujeitos pesquisados foi composto por 32 profissionais da área da saúde e 63 idosos pacientes de um núcleo do hospital universitário estadual. Cada pessoa individualmente entrevistada deveria dizer de três a cinco palavras que viessem à mente quanto pensassem em velhice. Os resultados confirmaram a hipótese de representações distintas entre os grupos. Em linhas gerais, o grupo de idosos se demonstrou surpreso com a longevidade e associaram o processo de envelhecimento ao declínio corporal e exclusão social. Já o grupo de profissionais colocou a “experiência” e a “sabedoria” como elementos centrais de sua representação.

Em seu artigo *Velhice: uma questão psico-social*, publicado em 1994, Maria de Fátima de Souza Santos conceitua a velhice como uma convenção social,

sendo consequentemente representada de modo diverso nas diferentes sociedades. Os valores e expectativas socialmente compartilhados, em relação ao processo de envelhecimento, têm grande influência sobre “a percepção que tem o sujeito do mundo e sobre sua própria definição enquanto sujeito que interage com este mundo” (SANTOS, 1994, p. 124). Em articulação com a teoria das Representações Sociais, a autora apresenta, mesmo que brevemente, as explanações de autores, de diferentes campos do saber, que tiveram o envelhecimento observado a partir de contextos como a aposentadoria e como elemento constitutivo da identidade social. Assim, complementa:

[...] é a partir do estudo das representações sociais da velhice que se pode compreender o peso do envelhecimento para o sujeito, a criação do sujeito nos significados sobre envelhecimento e o peso da pressão social que encerra os idosos em um grupo de referência negativa (SANTOS, 1994, p. 125).

Baseada nessa conceituação teórica, Santos (1994) estabelece como objetivo principal da sua pesquisa compreender a representação social da velhice e suas implicações na identidade dos sujeitos idosos. Foram entrevistadas, com roteiro pré-estabelecido, 92 pessoas moradoras de Recife, em Pernambuco, divididas em dois grupos. As questões de gênero e faixa etária foram usadas como critérios para a divisão. Sendo que o primeiro grupo foi composto por pessoas com idade entre 20 a 49 anos e o segundo com idade acima de 50 anos. A análise de dados foi centrada nas questões que suscitaram diferenças qualitativas com relação à forma de pensar a velhice. Foi possível identificar dois modelos de envelhecimento apresentados pelos grupos. O primeiro modelo estaria configurado a partir da noção de experiência, realização e alcance de conhecimento, sustentando a ideia de que “quem vive mais sabe mais”. O segundo modelo ressaltou a situação de perda da saúde e da desvalorização social. Nesse sentido, envelhecer significaria ficar doente e ser desprezado pelo outro. Também foi possível averiguar que a entrada na velhice é marcada “por modificações subjetivas (sentimentos de inadaptação, incapacidade produzir algo, falta de interesse pela vida e etc.) ou, propriamente, pela sinalização dada pelo outro (infantilização, desprezo, desrespeito, incompreensão, etc.)” (SANTOS, 1994, p. 127). De maneira abrangente, foi observado que as construções representacionais dos dois modelos ora se convergiam entre as opiniões dos grupos entrevistados, sinalizando a importância de considerar o contexto das relações que o sujeito tem com o grupo e que permeiam as ressignificações advindas da estrutura social e da estrutura pessoal.

Denise Jodelet (2009) postula que a velhice não pode ser abordada sem considerar o fato de que o envelhecimento do indivíduo é um processo que

se produz em um contexto social. O entendimento representacional sobre a velhice estaria também relacionado ao papel do indivíduo desempenhado no meio em que ele está inserido. Com o aumento da população idosa, os grupos de velhos e de velhas, que historicamente foram objeto de desvalorização ou rejeição, aparecem hoje como grupos emergentes que questionam na prática e simbolicamente o sistema social, sendo objetos de pesquisa em articulação com outros marcadores sociais. Podem-se notar maneiras distintas de empreender o olhar sobre um determinado objeto, sobretudo no campo das Representações Sociais. As investigações, trazidas nesta primeira seção, apresentam aproximações criteriosas e merecedoras de crédito em relação à investigação social da velhice e os impactos de sua representação para grupos específicos. Visivelmente, as manifestações discursivas e comportamentais influenciam o conteúdo e a estrutura de uma representação, favorecendo a emergência de processos de simbolização, aspectos também percebidos nas teses e dissertações a seguir.

3 O levantamento de teses e dissertações

Vários estudos, inicialmente encontrados na plataforma da CAPES, tinham como sujeitos pesquisados os grupos de pessoas idosas, no entanto, estavam empenhados em compreender as representações de diversos processos, como doenças e questões de saúde, sexualidades, rejuvenescimento e outras temáticas. Embora sejam assuntos relacionados ao envelhecimento, somente uma pequena quantidade das produções encontradas investigou diretamente as representações sobre a velhice.

Tendo em vista que o envelhecimento pode ser ressignificado em contextos sociais diversos, foram delimitados os cenários educativos (instituições de ensino, programas para a terceira idade, situações de educação formal e informal, entre outros) como destaque. No tocante ao catálogo da CAPES, após a constatação de um grande contingente de produções, nas mais diferentes áreas, a busca foi concentrada em um único descritor, no caso, “velhice”. Desta maneira, foram encontrados 2.005 trabalhos. Ao especificar as áreas de concentração para Educação e Psicologia, por meio da busca refinada, foi possível identificar 101 trabalhos, sendo que 72 eram dissertações e 29 teses. Mesmo tendo aplicado o recurso de refinamento de busca, o sistema ainda apresentou trabalhos das áreas de Enfermagem, Gerontologia, Comunicação, entre outras. Cabe reiterar que, nesta fase de verificação, também foram priorizados os trabalhos empenhados em investigar a velhice em cenários

educativos destinados aos grupos de mais idade, como por exemplo, os projetos que existem nas universidades, uma vez que o objetivo é analisar a abordagem do tema “a velhice” em contextos educacionais em articulação com a teoria das Representações Sociais. Feitas as exclusões necessárias a partir da leitura atenta dos títulos e resumos, seis trabalhos do montante final compõem os quadros de dissertações (Quadro 1) e teses (Quadro 2) analisadas, a saber:

Quadro 1 – Dissertações analisadas.

Ano de defesa	Título	Instituição	Região
2009	Representações Sociais de Professores e Alunos sobre Envelhecimento Humano e Educação em um Programa de Universidade Aberta à Terceira Idade	UNESP/Bauru	Sudeste
2009	Universidade Aberta à Terceira Idade: representações da velhice	PUC-SP	Sudeste
2009	Representações sociais do envelhecimento e da sexualidade	Universidade Federal de Santa Catarina	Sul
2013	A pessoa idosa e o envelhecimento ativo: significações das pessoas idosas do Programa Integração de Gerações no Instituto Camillo Filho	Fundação Universidade Federal do Piauí	Norte

Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Quadro 2 – Teses analisadas.

Ano de defesa	Título	Instituição	Região
2007	Representações e identidades na velhice: modos de ver e viver o envelhecimento	Universidade Federal da Paraíba	Nordeste
2012	Representações sociais do “ser idoso” e suas implicações para a assistência e práticas educativas voltadas à população idosa em Natal/RN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Nordeste

Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Para entender as contribuições das produções, foi feita uma leitura especialmente da parte metodológica, de modo a estabelecer análises, ainda que superficiais, de como o fenômeno da velhice foi investigado em articulação

com a teoria das Representações Sociais e os instrumentos metodológicos utilizados. Assim, foi possível definir duas unidades temáticas: 1) A velhice e suas representações em espaços de desenvolvimento educacional e 2) A velhice e suas representações em espaços diversos. Dos estudos achados, somente a tese *Representações sociais do “ser idoso” e suas implicações para a assistência e práticas educativas voltadas à população idosa em Natal/RN* está vinculada a um programa de pós-graduação em Educação e o restante vinculado quase que predominantemente a programas da Psicologia ou de outras áreas do conhecimento. Além disso, podemos observar a concentração das publicações nos anos 2000, já que as iniciativas educativas, destinadas a pessoas de mais idade no Brasil, ganharam mais força recentemente. Conforme Meire Cachioni (1998), a nível nacional, a educação sistematizada para adultos foi iniciada na década de 70 como uma manifestação dos movimentos sociais, porém, é somente nos anos 80 que as universidades começaram a abrir um espaço educacional, tanto para a população idosa como para profissionais interessados no estudo das questões do envelhecimento, o que de certa forma pode justificar a baixa quantidade de pesquisas sobre as representações velhice no campo da Educação.

Contemplando o grupo da primeira unidade temática, em sua dissertação intitulada *Representações Sociais de Professores e Alunos sobre Envelhecimento Humano e Educação em um Programa de Universidade Aberta à Terceira Idade*, Mennocchi (2009) tem como campo de investigação uma Universidade Aberta à Terceira Idade vinculada a uma Instituição de Ensino Superior privada da cidade de Bauru, no interior de São Paulo e que à época contava com cerca de 180 alunos matriculados e 30 docentes. A velhice aparece como uma categoria social e a sua representação subsidia a investigação de quais concepções estariam fundamentando a prática e a participação de professores e alunos no projeto. A autora trouxe algumas questões norteadoras: *Que concepções de ensino e aprendizagem estão presentes no discurso dos professores e alunos? Como é percebido o envelhecimento por essas pessoas? E como a questão do tempo livre e do seu preenchimento são articulados às questões educativas?* O estudo contou com dois grupos de participantes, constituídos por 30 alunos com mais de 60 anos e por 18 pessoas envolvidas com a atividade docente (estagiários, técnicos, graduados em diversas áreas ou professores universitários com titulação de mestre ou doutor) que ministraram aulas ou coordenaram atividades vinculadas ao programa. Foram utilizados três instrumentos metodológicos, sendo duas escalas (Escala de Diferencial Semântico de Crenças em relação à Velhice e Escala de Expectativas em relação ao programa) e um questionário.

Também pertencente ao grupo da primeira categoria, Lacerda (2009) coloca em questão as representações sobre a velhice mobilizadas por idealizadores

e alunos da Universidade Aberta à Terceira Idade, da Universidade Federal de Alfenas, em Minas Gerais. O objetivo principal foi abordar as concepções relativas a essa fase da vida que servem como sustentação para programas dessa natureza. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com os dois grupos relatados. A análise das informações teve como dispositivo metodológico o “Discurso do Sujeito Coletivo” idealizado por Lefèvre&Lefèvre. Desta maneira, foi possível identificar temas gerais inscritos nos discursos dos entrevistados assim como suas marcas singulares, que subvertem as visões socialmente cristalizadas sobre o processo de envelhecimento.

Na pesquisa *A pessoa idosa e o envelhecimento ativo: significações das pessoas idosas do Programa Integração de Gerações no Instituto Camillo Filho*, o objeto de investigação é o Programa Integração de Gerações (INTEGERA) do Instituto Camillo Filho (ICF) na cidade de Teresina, no Piauí. Franco (2009) estabelece como recorte as oficinas temáticas e disciplinas avulsas que são algumas das atividades disponíveis ao grupo. O objetivo geral: foi conhecer a percepção dos idosos sobre suas velhices e o impacto do projeto na vivência do chamado “envelhecimento ativo”. Para tanto, como método de pesquisa, utilizou-se alguns recursos como pesquisa bibliográfica, análise documental, depoimentos orais e observação direta. Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizados o questionário socioeconômico e o roteiro de entrevista. Conforme os escritos da autora, a amostra da pesquisa foi constituída de alunos idosos ativos e egressos do programa, obedecendo a critérios específicos, como tempo de partição, cidade de moradia e gênero. Os discursos foram submetidos à análise de categorização das falas.

Biasus (2009) investiga aproximações entre a representação social do envelhecimento e da sexualidade. A velhice apareceu como uma categoria que permeia outros processos comportamentais como as práticas sexuais. Participaram do estudo 40 homens e 40 mulheres, com idade entre 50 e 70 anos, divididos em duas cidades da região sul, Erechim, no Rio Grande do Sul e Florianópolis, em Santa Catarina. As pessoas entrevistadas estavam vinculadas a núcleos de estudos de terceira idade de instituições de ensino superior (participantes, funcionários, professores). Durante as entrevistas foram realizadas perguntas a respeito da passagem do tempo e do envelhecimento e também sobre a sexualidade na velhice. A coleta de dados foi realizada por meio de observação indireta com a utilização de entrevista e um questionário com questões de caracterização dos participantes. Foi utilizada a técnica de entrevista não-diretiva acoplada à entrevista episódica, quando o entrevistador propõe um tema e encoraja o entrevistado a falar sem responder a um roteiro previamente estabelecido com base no seu próprio quadro de referência. Tanto

os dados de caracterização como os dados textuais foram analisados com o auxílio de *softwares* a fim de identificar as representações, numa perspectiva mais estrutural da teoria. O autor também pontuou a importância de estudos com grupos da terceira idade, já que, empiricamente, nos últimos anos a participação destes nas instituições de ensino superior tem aumentado significativamente, configurando “num lugar onde o idoso pode pensar e viver a sua velhice, assim como construir novas práticas e experiências” e “experimentar relações intergeracionais” (BIASUS, 2009, p. 66).

Em relação à unidade temática 2) A velhice e suas representações em espaços diversos, as autoras apresentam análises em contextos maiores abrangendo grupos populacionais. Na tese *Representações e identidades na velhice: modos de ver e viver o envelhecimento*, Luna (2007) trabalhou com as representações das mulheres de classe média residentes na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba. A amostra foi constituída por 58 mulheres, das quais 51 eram consideradas ativas, na faixa dos 60 aos 92 anos e sete mulheres jovens com idades de 18 a 27 anos. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um roteiro de entrevista estruturada além dos dados sociodemográficos que compôs o perfil de cada entrevistada. Como objetivo geral do estudo, foi estabelecido *como as mulheres que vivenciam o envelhecimento ativo e que continuam membros integrados da sociedade, representam a velhice, qual a visão que têm de si mesmas e quais as suas crenças e vivências sobre o preconceito e a discriminação da velhice e sobre a promoção da velhice bem-sucedida*. Para a realização das entrevistas, foram escolhidos espaços distintos em que circulavam as mulheres em processo de envelhecimento e em atividade, abrangendo residências, academias de ginástica, centro de convivência do idoso vinculado à prefeitura, dois *shoppings centers*, na Associação dos clubes da Melhor Idade, na Associação de Inativos e Pensionistas da Universidade Federal da Paraíba e em locais de trabalho das pessoas inquiridas. Os dados foram analisados como base em duas modalidades metodológicas, a análise de conteúdo temático tendo Bardin como suporte teórico e a análise de dados textuais com o emprego do *software* ALCESTE.

Já Paula (2009) pesquisou as representações sociais do “ser idoso” e suas implicações para a assistência e práticas educativas voltadas à população idosa em Natal, no Rio Grande do Norte. Os locais pesquisados foram os grupos de convivência de diferentes bairros em contexto urbano vinculados a uma secretaria municipal. Foram ouvidos 103 idosos participantes dos programas com mais de 60 anos, em período vespertino, durante a oferta das atividades e funcionamento dos estabelecimentos. Como suporte teórico, foi utilizado a perspectiva fundante da teoria de Serge Moscovici e a teoria do Núcleo Central de Jean-Claude Abric. Do ponto de vista metodológico, foi determinado o

núcleo central das representações dos idosos participantes e foram realizadas entrevistas com idosos não participantes dos grupos para contraste. O estudo foi organizado a partir da análise estrutural das entrevistas e de evocações submetidas ao uso de *software* para identificar o conteúdo representacional.

4 Considerações finais

Os estudos inventariados sinalizam que, no bojo de diferentes configurações sociais, surgem visões e crenças acerca da velhice, assim como práticas sociais destinadas exclusivamente a pessoas de mais idade que são influenciadoras de concepções que essas elaboram sobre si mesmas. Nesse sentido, as pessoas são atores sociais ativos e caracterizados pela inscrição social (JODELET, 2009). Essa caracterização se estabelece a partir da maneira como esses atores se comunicam em uma rede de interação com outros atores, a posição na estrutura social e nos grupos culturais que definem suas identidades. Vemos que as representações sobre o processo de envelhecimento oscilam entre contextos informacionais amplamente difundidos, em centros de convivência, projetos e programas institucionais e o universo consensual dos sujeitos sociais pertencentes a esses grupos específicos. As dinâmicas observadas nos estudos encontrados estão em acordo com a perspectiva inaugural moscoviciana.

Para Serge Moscovici (2011), as representações se dão na interação social e estão condicionadas pelo contexto em que se desenvolvem. “Nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura” (MOSCOVICI, 2011, p. 35). Ou seja, uma das funções das representações é convencionalizar os fenômenos (os objetos), elas dão uma forma definitiva e operam sobre as categorias que ajudam a estabelecer modelos de referência partilhados por grupos de pessoas. As representações também podem ter um caráter prescritivo, elas são impostas sobre nós. Essa imposição é entendida como “uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta *o que* deve ser pensado” (MOSCOVICI, 2011, p. 36). Em alguma medida, elas são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo, como por exemplo, os sistemas de classificação, das imagens e das descrições que circulam em determinada cultura e dos conceitos científicos. Esses sistemas implicam um elo anterior com outros sistemas de conhecimento e que quebram as amarras da informação no presente, viabilizando ressignificações.

Moscovici (2003) destaca que as representações adquirem o poder generativo de outras representações. Por conseguinte, é dever, sobretudo da Psicologia Social, descrever e analisar este processo generativo, sendo igualmente importante considerar tanto os comportamentos individuais quanto os fatos sociais (as instituições e práticas, por exemplo) em sua concretude e singularidade histórica. Nesse sentido, a teoria das Representações Sociais e suas abordagens fornecem o aporte necessário, também, à compreensão da formação complexa dos conhecimentos sociais atinentes a essa fase da vida, sobretudo em cenários educativos. Porém, constatamos que esse empreendimento teórico-metodológico, em pesquisas sobre a velhice no campo educacional, ainda é pouco expressivo no meio acadêmico, tendo em vista a pequena quantidade de pesquisas aqui apresentadas.

Para Michel Gilly (2011), as representações sociais presentes nesses espaços do campo educacional ajudam a compreender os arranjos de significações sociais no processo educativo. Nos termos deste autor, o interesse essencial da noção de representação social para o entendimento dos eventos do campo da Educação consiste no fato de que orienta a atenção para o papel de conjuntos organizados de significações no processo educativo, fornecendo assim, possibilidades de análises significativamente promissoras. Percebe-se que as representações sociais do processo de envelhecimento têm implicações na vida cotidiana, uma vez que impulsionam comportamentos suscetíveis de serem adotados por um indivíduo ou comunidades diversas. Tais sujeitos e agrupamentos, como observado, são investigados variavelmente no decorrer das pesquisas supracitadas e que reforçam o ideal indissociável da psicologia com o social.

Nas proposições de Jodelet (2009), por meio das Representações Sociais, conseguimos compreender os contextos de significação sobre o processo de envelhecimento em nossa sociedade, sendo a teoria, o instrumento adequado para uma abordagem que reúne, em um mesmo olhar, as realidades individuais e coletivas. As propostas das pesquisas apresentadas articulam as dimensões do conteúdo representacional com as condições socioculturais, que favorecem a emergência da representação e tornam um determinado saber familiar. Quando as pesquisas se deram em cenários educativos, algumas observações parecem importantes no que tange ao panorama dessas investigações. São estudos feitos a partir de óticas bem específicas, sendo possível delinear neles algumas tendências sobre a orientação teórica e os instrumentos metodológicos estabelecidos. As técnicas de entrevistas, a análise textual e de conteúdo aparecem como recorrentes para o tratamento dos dados. Partindo da ideia que estas temáticas foram pesquisadas qualitativamente, pode-se perceber a

partir do exposto que os temas dialogam entre si. A velhice é representada a partir de um novo debate conceitual distante do discurso biologizante, fazendo com que outros marcadores sociais sejam inseridos como parte das representações. Basicamente, a descoberta das Representações Sociais como possibilidade teórica para uma análise de dinâmicas subjetivas ajuda a ampliar os enfoques de pesquisas em contextos educacionais, contribuindo para o aparecimento de interpretações fecundas e que evidenciem a relação entre o sujeito e seu contexto.

THE QUALITATIVE STUDIES OF SOCIAL REPRESENTATIONS ABOUT OLD AGE IN EDUCATIONAL CONTEXTS

abstract

This article organizes theses and dissertations that had as their central goal of analysis the aging process or old age, in educational contexts or related to the area of Education. The data were obtained from *Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES). The text is organized in two sections. The first one presents the papers that illustrate the initial contexts in which old age is qualitatively investigated in Social Sciences and Social Psychology (with special emphasis on Social Representations). Finally, the second section selects the theses and dissertations according to the thematic units listed and the considerations on the course of the analysis. From the inventoried material, it was possible to perceive different ways of undertaking a look on old age, especially in relation to the use of theory and methodological instruments.

key words

Social Representations. Old age. Education.

referências

- BERTONI, Luci Mara; GALINKIN, Ana Lúcia. Teoria e métodos em representações sociais. In: MORORO, Leila Pio; COUTO, Maria Elizabete Souza; ASSIS, Raimunda Alves Moreira de (org.). *Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias*. Ilhéus, BA: EDITUS, 2017.
- BIASUS, Felipe. *Representações sociais do envelhecimento e da sexualidade*. 2009. 161f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, 2009. Florianópolis, SC. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92685>. Acesso em: 23 maio 2019.
- BRASIL. *Dados sobre o envelhecimento no Brasil*. Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção Defesa dos Direitos Humanos. Brasília, DF: Coordenação Geral dos Direitos do Idoso, 2015. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatisticos/DadosobreoenvelhecimentonoBrasil.pdf>. Acesso em: 9 set. 2018.
- CACHIONI, Meire. *Envelhecimento bem-sucedido e participação numa Universidade para a terceira idade: a experiência dos alunos da Universidade São Francisco*. 1998. 104f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 1998. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253522>. Acesso em: 24 maio 2018.
- DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e curso da vida. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 5, n. 1, jan. 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12564>. Acesso em: 9 fev. 2019.
- DEBERT, Guita Grin. Velhice e o curso da vida pós-moderno. *Revista USP*, n. 42, p. 70-83, jun./ago. 1999.
- DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 49-70, dez. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000200003&lng=en&rm=iso. Acesso em: 9 abr. 2019.
- EIRAS, Neusa. Representações sociais da velhice em instituições públicas de saúde. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, p. 117-131, jan. 2000. ISSN 2178-4582. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/25820>. Acesso em: 3 jun. 2019. doi: <https://doi.org/10.5007/%x>.
- ELTZ, Giovana Duarte *et al.* Panorama atual das universidades abertas à terceira idade no Brasil. *Revista Kairós: Gerontologia*, v. 17, n. 4, p. 83-94, dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/23555>. Acesso em: 7 ago. 2018.
- FRANCO, Cassandra Maria Bastos. *A pessoa idosa e o envelhecimento ativo: significações das pessoas idosas do Programa Integração de Gerações no Instituto Camillo Filho*. 2013. 160f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – Fundação Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.
- GILLY, Michel. As representações sociais no campo da Educação. In: JODELET, Denise. *As representações sociais*. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2001.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise. *As representações sociais*. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2001.
- JODELET, Denise. Contributo das representações sociais para o domínio da saúde e da velhice. In: LOPES, M.; MENDES, F.; MOREIRA, A. (coord.). *Saúde, educação e representações sociais*. Coimbra: Formasau, 2009.
- LACERDA, Simone Magalhães. *Universidade Aberta à Terceira Idade: representações da velhice*. 2009. 94 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

LINS DE BARROS, Myriam. Moraes. A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Corpo, Envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LORENZETTI, Leonir; MUENCHEN, Cristiane; SLONGO, IônelnêsPinsson. A Epistemologia de Fleck como referência para a pesquisa em Educação em Ciências no Brasil. In: ENPEC, 11., Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 3-6 jul. 2017.

LUNA, Veronica Lucia do Rego. *Representações e identidades na velhice: modos de ver e viver o envelhecimento*. 2007. 178f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

MENNOCCHI, Lauren Mariana. *Representações sociais de professores e alunos sobre envelhecimento humano e educação em um programa de Universidade Aberta à Terceira Idade*. 2009. 180 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências de Bauru, 2009.

MOTTA, Alda Britto da. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. *Sociedade e Estado*, v. 25, p. 225-250, 2010.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MOSCOVICI, Serge. Por que estudar representações sociais em psicologia? Estudos: Vida e Saúde. *Revista da Universidade Católica de Goiás, Goiânia*, v. 30, n. 1, p. 11-30, jan. 2003.

OMS - Organização Mundial da Saúde. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

PAULA, Rouseane da Silva. *Representações Sociais do ser idoso e suas implicações na assistência e nas práticas educativas voltadas à população idosa residente em Natal/RN*. 2014. 136 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. Fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa em Educação: o ensino superior em Música como objeto. *Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n. 40, p. 221-233, jul./dez. 2013.

SÁ, Celso Pereira de. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 1998.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. Velhice: uma questão psico-social. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 123-131, ago. 1994. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 3 jun. 2019.

SIMÕES, Júlio Assis. A maior categoria do país: o aposentado como ator político. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 18., 1994, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPOCS, 1994.

SIMÕES, Júlio Assis. Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. *A Terceira Idade*, São Paulo, v. 22, n. 51, p. 7-19, 2011.

Data de Submissão: 18/11/2019

Data de Aprovação: 20/02/2021